

# ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa  
Edição *in varietis*

**ONTEM  
NÃO TE VI  
EM BABILÓNIA**



 DOM QUIXOTE

(em escrita cuneiforme num fragmento de argila, 3000 anos a. C.)

## meia-noite

### 1.

Chegava sempre antes da sineta quando ia buscar a minha filha e tirando a madrinha da aluna cega a cochichar cumprimentos em tom de desculpa sem que eu a entendesse

(de tão exagerada na infelicidade dava vontade de gritar — Afaste-se de mim não me aborreça)

não havia ninguém ao portão de modo que o recreio vazio excepto

uma árvore de que nunca soube o nome com as folhas demasiado pequenas para o tronco e se calhar composta de várias árvores diferentes

(as mãos do meu pai minúsculas no fim de braços enormes, se calhar composto de vários homens diferentes)

o escorrega a que faltavam tábuas com o letreiro Não Usar e a porta e as janelas trancadas, derivado à impressão que ninguém lá dentro compreendi a madrinha da aluna cega, disse-lhe sem palavras

— Não é exagerada perdão

e como deixei de ter filha cessei de respirar, não só a porta e as janelas trancadas, compartimentos desertos, poeira, o edifício da escola afinal abandonado e velho, a madrinha da aluna cega aproximou-se carregando cheiros antigos e nisto que alívio a sineta

(— Pieguice minha és exagerada sim)

a sacudir as folhas da árvore

(ou os braços do meu pai)

os dedos cessaram de atormentar o fecho da mala e o coração diminuiu nas costelas, os pulmões graças a Deus respiram, estou aqui, quantas vezes ao acordar me surpreendia que os móveis fossem os mesmos da véspera e recebia-os com desconfiança, não acreditava neles, por ter dormido era outra e no entanto os móveis obrigavam-me às recordações de um corpo a que não queria voltar, que desilusão esta camilha, esta cadeira, eu, cochichar à madrinha da aluna cega o que me cochichava a mim, pedir desculpa sem que me liguem e a porta e as janelas abertas, a professora nas escadas, as primeiras crianças, pais

(não o meu pai)

ao portão comigo, não o meu pai que não lhe sobrava tempo

— Não te mexas que me dá nervos

a conversar com o empregado ou a falar ao telefone na secretária do jornal cheia de cartas, retratos, ganharia muito dinheiro você pai

(não acredito)

não finja que não alcança o que lhe digo

— Pões-me nervoso tu

morreu há uma data de anos, passa da meia-noite

(— Tardíssimo filha)

e não finja que não alcança o que lhe digo, meia-noite nesta vivendinha do Pragal, daqui a pouco sons húmidos de foca no primeiro andar e a senhora

— Pões-me nervosa tu

era o meu pai que eu punha nervoso apesar de calada

(— Ainda aí estás que mania)

a senhora o meu nome

— Ana Emília

a chapinhar no colchão e os rebentos do arbusto de groselha ao comprido do muro, a sineta da escola acelerava o tempo, as folhas da árvore a pularem sílabas muito depressa

— Ana Emília na porta a aluna cega, a minha filha, as gémeas e a ruiva gorda que era preciso empurrar na ginástica, a empregada da limpeza destrancava as janelas e nem compartimentos desertos nem poeira, nenhum defunto todo direito de gravata branca a espiar-me, somente mapas, carteiras, restos de números a giz, a testa do meu pai um lençol de cama por fazer

— Vens pedir-me dinheiro para a tua mãe é isso?

remexia na algibeira e escutavam-se as chaves, desistia, o jornal dois ou três cubículos escuros

(uma garrafa a um canto e aí sim, julgo que defuntos de gravata branca)

isto numa travessa perto de um convento, mulheres de cabelo pintado vestidas de domingo nas suas ilhas de perfume espanhol, a minha filha apertava a cabeça na minha barriga, fazia-a girar uma ou duas voltas a segurar-lhe os ombros com medo que se soltasse de mim e se aleijasse numa esquina, meia-noite no Pragal

(a minha mãe antes de falecer

— Não necessito de ti

incapaz de fechar a boca, a tremer os joelhos)

na Austrália e no Japão manhã e todas as mães vivas, os trastes onde o candeeiro não chegava invisíveis ou seja nódoas mais densas,

adivinhava o armário em que durante a chuva as loiças tilintavam, se a aluna cega estivesse comigo havia de alarmar-se a medir o ar com as orelhas

— O que foi?

e corrido um instante a senhora

— Ana Emília

a perguntar as horas, o que os doentes se inquietam com as horas, como os intrigam que estranho

— Que horas são?

isto de segundo a segundo, duvidam, insistem

— De certeza?

que raio significam as horas para eles, continuará a existir a escola, a árvore de que nunca se soube o nome e a madrinha a vigiar a sineta nos seus cochichos de desculpa

— Continuo ao seu lado repare

subindo do Pragal para Almada principiava a suspeitar-se o Tejo nos intervalos dos prédios, estes comércios de pobres, estas pessoas, se achasse a minha mãe na rua aposto que se me atravessava à frente

— O teu pai deu-te o dinheiro ao menos?

nunca vi uma criatura cortar com tal fúria de dentes o que sobejava de coser um botão e aí estava a Ana Emília a pensar nisto ao entregar o comprimido à senhora que deslizava para o interior do sono a teimar

— Gardénia

(uma prima, ela mesma?)

o comprimido obrigava-a a uma zona mais funda na qual um cavalheiro de idade designava o globo terrestre com a unha suja

— O mundo é grande menina

e regressava ao caixão para estender-se nele, o arbusto de groselha iluminava o muro e anulava-se em seguida, ao iluminar o muro um tijolo despontava do reboco e adivinhava-se o postigo da arrecadação em que uma panela eléctrica avariada e cebolas que grelaram, a minha filha de volta a casa comigo, dois passos meus, três passos dela, um cachorro a farejar memórias e a minha filha a puxar-me a

saia

— O bicho vai morder-nos mãe  
até as memórias

(de uma tigela de carne, da dona a assobiar-lhe, do cesto onde enrolar-se)

conduzirem o cachorro no sentido do parque em que talvez a tigela ou a dona

(— Pões-me nervosa tu)

animassem ao passo que no meu caso, quando chego do Pragal a Lisboa com o muro do arbusto de groselha a diluir-se em mim, nenhuma unha suja a apontar-me nada, o globo terrestre empenado no seu eixo e o mundo pensando bem não grande coisa, acanhado, paredes e paredes, o biombo que me impedia o quarto, o mundo uma esfera encolhida a desbotar as cores, do reposteiro, do abajur, das almofadas do sofá e a boneca da minha filha na mesinha, apertei-lhe a cabeça na barriga e tentei uma volta com medo que se soltasse de mim e se aleijasse, os defuntos muito direitos de gravata branca

— Cuidado

e pode ser que chovesse porque um tilintar de loiças que o armário fechado atenuava, o meu marido a impedir-me de girar agarrada à boneca

— O que vão pensar de nós já viste?

as flores do arbusto de groselha no meu cabelo e na gola a impedirem-me a aluna cega, as gémeas e a ruiva gorda que falhava os degraus, eu a afastar o meu marido

— Pões-me nervosa tu

com a macieira do quintal na ideia, maçãzinhas insignificantes, verdes e o banco tombado, recordo-me dos besouros junto ao poço apesar de o taparmos com uma chapa, ao recordar os besouros sons húmidos de foca e a senhora

— Ana Emília

o casaquito de malha de botões trocados, uma espécie de sorriso a justificar-se

— Não dizia que não a um chazinho

de lúcia-lima, de tília, das ervas que cercavam a macieira e não cortávamos nunca, apetece-lhe um chazinho das ervas junto às quais a minha filha se enforcou aos quinze anos senhora, apetece-lhe asustar-se com a boneca no chão, a cara contra barriga nenhuma que não deixava de girar, uma altura não à meia-noite como hoje

(ignoro como não tenho vergonha de dizer isto)

mais cedo, encontrei o meu marido a experimentar uma saia minha e os meus brincos, igualzinho às mulheres vestidas de domingo na travessa, o meu pai da secretária

— Ainda aí estás que mania

a conversar com o empregado ou a tapar o bocal, um jornal de anúncios de casamento que os clientes mandavam pelo correio e o meu pai a ler as cartas ao empregado

— Que tontos

a minha mãe na paragem do autocarro cem metros abaixo parecendo tão acabada ao trotar para mim a misturar sílabas no cansaço

— Deu-te o dinheiro ao menos?

enquanto eu pensava

— Nem um nem outro compreende quem sou desconhecem-me

se o automóvel do homem que prometeu visitar-me contornasse a praceta até lhe agradecia as mentiras, o meu marido viu-me no espelho e tirou um dos brincos convencido que tirara tudo, a saia, o camiseiro, o colar, os frutos da macieira já não verdes, grandes, um primo nosso desatou a corda que a minha filha roubara do estendal e a indignação dele gritava, auxiliei a senhora com a chávena e na segunda tentativa de engolir um suspiro

— Não posso mais

no mesmo cochicho de desculpas que a madrinha da aluna cega a devolver-me o portão da escola e as janelas trancadas, eu continuando a acreditar diante do recreio vazio e aposto que não escola hoje em dia, uma repartição, escritórios, a árvore e o escorrega um vazadouro onde se deixam restos e metade de uma persiana a bater, a bater, ao fim do mês na sala, se é que pode chamar-se sala àquilo

(um Buda numa réplica de altar)

a sobrinha da senhora fazia as contas ao tempo, a minha mãe embora falecida a roubar-me o envelope verificando-lhe a espessura  
— Deu-te o dinheiro ao menos?

a aferrolhá-lo à chave e a sumir a chave no avental maldizendo o meu pai enquanto interrogava sombras

— Expliquem-me como pude acreditar no camelo?

a família seguia-a das molduras e a imagem dela em nova já amarga, já séria, nunca a visito no cemitério conforme nunca visito a minha filha, um lugar a ferver de ossos que procuram exprimir-se, a sineta da capela mais grave que a da escola, nomes que se decifram mal e a ninguém pertencem, a ilusão que uma criança um dia destes no portão e a gente a rodopiar contentes, o meu marido estendeu-me o brinco na palma, além da boneca o aquário sem peixes nem água com um alicate no bojo já não na entrada nem no quarto, na despenha, sinto-o brilhar no meio das conservas e talvez a surpresa de um peixe, o olho fixo que me estuda, a cauda sacode-se e que é dele, na época da minha filha plantas artificiais e um frasquito de comida que sabia a giz, a minha filha

— Sabe a giz

a quantidade de episódios que gostava de deitar fora

— Aguentem-me esta tralha um bocadinho tomem

intimidades que até hoje ocultei, pedir ao homem que prometeu visitar-me e não visita

— Escuta

sentar-me à sua frente demasiado cheia de palavras, começar baralhando tudo, a trocar frases, a enganar-me e ele quase comovido, feliz, inventar que o meu pai comigo ao colo, o jornal importante numa rua importante, não uma travessa de comerciositos e mulheres vestidas de domingo nas suas ilhas de perfume espanhol, o meu pai um fato como deve ser em vez do casaco curtíssimo, empregados que o respeitavam, não um, vários, uma unha suja

(não dele)

a apontar o globo terrestre

— O mundo é grande menina



na crença que eu imaginasse regiões infinitas numa porção de lata amolgada no Pacífico e a povoasse ao meu gosto, pretos com flechas, naufrágios, arranjar um marido, uma filha e um quintal com uma macieira, que tonta, como se um galho de macieira aguentasse sem quebrar uma rapariga de quinze anos, um arbusto de groselha ao comprido do muro no Pragal e uma senhora inválida no primeiro andar, a quantidade de episódios que apesar de tudo me enterneciam e gostaria que alguém, prestando-me atenção, soubesse, a noite e os pavores que o silêncio traz consigo menos difícil para mim, em miúda morei perto do cemitério e vi as fosforescências que se erguiam das lápides, presumo que os defuntos embaraçados em pedregulhos e raízes desejosos de ressuscitarem, os que não cheguei a conhecer inspeccionando a casa a interrogarem-me acerca da utilidade dos objectos, a quantidade de episódios que gostava de dizer a alguém, darem-me um bocadinho de consideração, de simpatia e no fundo de mim uma sineta de escola que não pára, não pára sem que criatura alguma lhe toque salvo o vento, aproximo-me e o badalo sozinho, a minha avó a enterrar as crias da gata que chiavam gemidos encavalitando-se, rastejando, protestando, começava por prender a gata na copa

(e o bicho furioso contra a porta)  
a seguir juntava as crias num cabaz  
(tudo isto calada)

suspendendo-as pelo pescoço, o rabo, uma pata, abria a cova e entornava o cabaz enquanto o desespero da gata derrubava boiões, a minha mãe

(— Deu-te o dinheiro ao menos?)  
embuçava-se no avental com as sobranceiras de garota aflita  
— Não me habituo a isto

numa agitação de lágrimas sem lágrimas, o meu avô para a minha mãe a procurar fosse o que fosse nos bolsos sem procurar nada ou a descobrir uma moeda, a examiná-la um instante e a lançá-la pela janela ele que não deitava nem um prego torto fora

— Não se pode contrariar a tua mãe desculpa

a minha mãe

— Pai

e o meu avô a desviar-se de nós com o osso da garganta para baixo e para cima enquanto a minha avó ia tapando as crias, alisava a terra com as botas e os gemidos cessavam, a gata por fim resignada na copa, à espera, horas no relógio da consola, quatro ou cinco, com o mecanismo a obrigá-las a despenharem-se que bem se percebia o esforço das molas conduzindo-as até à bordinha e deixando-as cair, no cair da última a minha avó esfregava as solas no capacho a olhar para a gente num desafio ou assim

(e se calhar procurando moedas nos bolsos por trás do desafio)

à medida que a gata farejava a terra alisada, sumia-se nos feijoeiros e regressava dois dias depois a dobrar-se-lhe de desgosto nas pernas, se tivesse herdado o relógio que venderam com os tarecos ao venderem a casa confirmava que meia-noite, um relógio de medalhão de porcelana representando um coche, dois cavalos

(um castanho e um pardo, ou seja um castanho e um branco que a vida empardeceu)

e um sujeito de chicote a segurar nas rédeas, no interior pesos e volantes fabricando as horas, arredondando-as, trazendo para cima esses pingos de som, quem terá comprado a quinta, quem sofrerá como eu dantes os gemidos das crias encavalitando-se, rastejando, protestando, quem se interroga a inclinar a orelha

— O que é isto?

a gata ficou a inspeccionar a cova agachada nas dalias, dizer também da gata antes que o inverno comece e com ele choupos negros, os cachos do arbusto de groselha no chão, sons húmidos de foca no primeiro andar e a senhora que me perdeu o nome

— Você

tacteando ruínas do passado, um grupo de parentes a suspender o jogo de cartas

— Gardénia

e um barquinho a remos que se detinha em junquilhos e lodo, tentou segurá-lo e escapou-se, chamou-o e não obedeceu, apercebeu-se

que o barquinho não vazio, uma miúda de vestido lilás a sorrir-lhe  
— Nunca mais nos vemos

e era ela mesma a acenar-se adeus, compassos de música e um padre a trinchar um frango à cabeceira da mesa, a senhora a dirigir-se à miúda que cessara de sorrir-lhe, ocupada a colocar flores no chapéu

— Você

enquanto a filha me estendia o ordenado

— Já nem os nomes distingue

consoante não distingue o tilintar das loiças no armário e as mil crepitações dos barrotes, os insectos que apesar da alfazema

(sinto o cheiro à distância, rocas de alfazema que uns lacinhos unem)

lhe roem as fronhas e as toalhas da arca, as pilhas de revistas

(La Femme Idéale, Maravilhas de Renda, O Bom Cozinheiro)

a cantoneira de relevos trabalhados e o homem que prometeu visitar-me em Évora com a mulher a receber da boca dele confidências que me pertencem, são minhas, segredos que me comovem e até hoje calei, mistérios provavelmente idênticos aos de toda a gente, banalidades de pacotilha, falsidades, a minha filha com quinze anos

(creio ter afirmado quinze anos)

a pegar na boneca ela que não lhe ligava fazia séculos dado que as paixões vai-se a ver e passam

— Chame-me quando o jantar estiver pronto que vou lá fora ao quintal

de modo que nem sequer a olhei a pensar no mar da Póvoa de Varzim que tantas vezes me regressa à ideia, o mar, a praia e o cheiro das ondas, o nevoeiro da manhã que quase me impede de assistir à minha avó a enterrar as crias e a enchente que lhes abafa o terror, sempre que um assunto me preocupa aí estão o vento e a espuma a salvarem-me, o vento nas frinchas dos caixilhos e apesar da minha mãe se enervar com a areia no soalho obrigada vento, nem calculas o que te devo, a nossa casa não na Póvoa de Varzim, no interior a que os gritos das traineiras não chegavam a não ser em Abril no caso de tudo em silêncio, a bomba do poço, os tentilhões no pomar, o

meu avô desdobrava redes para os pássaros e embora estrangulados eu insistia em libertá-los, batia palmas diante de asas mortas

— Desapareçam

a impacientar-me

— Sumam-se-me da vista num ai

e a procurar fosse o que fosse nos bolsos sem procurar nada, não a examinar a moeda nem a lançá-la fora porque não tinha um prego torto para amostra, na hipótese de um rebuçado dava-o aos tentilhões

— Se prometerem que se vão embora ofereço-o havia alturas em que o mar tão sereno em Agosto com uma paz de nuvens em cima, basta o mar em Agosto e a recordação do Casino e emocionou-me logo, as lágrimas que eu choraria se lá estivesse amigos, ganas de beijar as pedras ao reencontrá-las, senti-las na palma, aproximá-las da bochecha, chamei a minha filha em Lisboa enquanto as ondas iam e vinham na Póvoa, provavelmente uma única onda sem cessar repetida, o meu marido no espelho com o brinco suspenso, o queixo bambo do gado de focinho inerte mas de membros rígidos, depois de se lhes martelar um espigão na nuca ei-los a tombarem de banda, a senhora acotovelou o padre que trinchava o frango à cabeceira da mesa a pronunciar o meu nome

— Ana Emília

borboletas no verão fosse na Póvoa de Varzim fosse no Entroncamento onde também morei

(se tiver oportunidade escrevo acerca dos comboios, oito anos da minha vida sob o signo dos comboios, sou da época das locomotivas a carvão, vozes de almas do Purgatório sofrendo na caldeira que imploravam socorro)

fosse na Póvoa de Varzim fosse no Entroncamento fosse aqui em Lisboa borboletas, uma azul e duas brancas quando chamei a minha filha para jantar

(continuarão a existir redes e tentilhões?)

ou duas azuis e uma branca ou três azuis ou três brancas tanto faz, o importante é que borboletas, porventura mais que três, meia dú-